

Universidade Estadual do Ceará,
Fortaleza, Ceará, Brasil.

EWELTER ROCHA

ERA UM CORPO DE MULHER...¹

O ensaio audiovisual “Era um corpo de mulher...” consiste em uma experiência de escritura etnográfica audiovisual, tendo sido a sua forma concebida sob os auspícios dessa presunção. Nessa perspectiva, desenvolvemos uma narrativa em que sonoridades, imagens, textos e falas se entrecruzam na construção de uma montagem que favoreça imbricar no mesmo suporte a evocação de uma experiência etnográfica e a produção artística que representa seus protagonistas principais. Nesse caso, enfocando as esculturas de madeira e as peças de barro que retratam as beatas de Juazeiro do Norte – CE.

O ensaio tem por base uma pesquisa de doze anos que desenvolvemos no sertão do Cariri cearense, região situada ao sul do Ceará. O tema da pesquisa circunscreve-se no rico panorama visual e sonoro da religiosidade popular nordestina, enfocando três âmbitos conexos: o repertório musical dos antigos benditos, em particular aqueles associados aos antigos velórios nordestinos; os altares domésticos da Ladeira do Horto de Juazeiro do Norte; e por último, a corporeidade das velhas beatas de Juazeiro do Norte e as esculturas populares que as representam entalhando troncos de Imburana, objeto principal do presente trabalho.

1. Este ensaio resulta da tese de doutorado intitulada “Vestígios do sagrado: uma etnografia sobre formas e silêncios” (2012/USP), bem como, da pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto Temático “A Experiência do Filme na Antropologia”. Os dois trabalhos foram respectivamente apoiados pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 2009/52880-9).

Ao contrário dos santos que possuem uma tradição iconográfica que facilmente empresta identidade as suas representações visuais: seja uma criança nos braços; um ramo de flores; uma chave na mão; uma lua sob os pés – as beatas não dispunham de um distintivo figurativo evidente, o que obrigou alguns artistas, quando falavam sobre a corporeidade dessas senhoras, a recorrer nas suas explicações a expedientes no domínio da alegoria, valendo-se dos significados culturais que algumas formas esculpidas evocam – rosário, véu, cordão – para explicitar o sentido total da obra. A composição das esculturas de beata recorria inicialmente à representação de uma série específica de objetos, organizados de forma a pontuar uma adesão religiosa. Preocupava aos artistas evitar que o caráter religioso desses objetos comprometesse a identidade temática de sua escultura e a transformasse na representação de uma santa, fronteira pictórica que se mostrou extremamente relevante para nossa pesquisa. Entretanto, como suscitavam os depoimentos dos artistas, a distinção não se resumia a parâmetros de ordem figurativa, mas alojava-se noutras dimensões da forma, cujo alcance expressivo não advém da mera contemplação de uma aparência.

A pesquisa não se baseou exatamente na investigação de um sistema estético, mas no exame de algo que poderíamos chamar de um acontecimento estético, para aludir à performance referente à construção de um corpo de madeira ou à elaboração de uma pose fotográfica, ambas visando condensar um imaginário sobre uma corporeidade religiosa e uma história de vida de penitência. Certas instâncias desse imaginário nos foram reveladas não através das formas visíveis, mas por meio de narrativas orais relacionadas a elas e aos objetos que elas engendram. Nesse registro, a forma, tanto nas esculturas como no corpo fotográfico das beatas, evoca uma biografia ausente, ou, para usar os termos de Hans Belting, quando alude a uma presença icônica da imagem, visa produzir uma ausência visível. Sobre essa perspectiva, podemos dizer que a corporeidade das mulheres que estudamos, esculpidas ou fotografadas, é definida por duas operações miméticas: a representação figurativa de uma ética penitencial e a presentificação de uma ausência, evocadas tanto pelas formas esculpidas, como pela configuração da pose fotográfica.

Cada escultura está associada a uma história de vida particular, seja real ou imaginada, que anima a figura esculpida e empresta sentido e intenção às formas que compõem o seu corpo. Por meio de suas criações, os artistas procuravam associar a identidade da beata a uma experiência de sofrimento, procurando entalhar

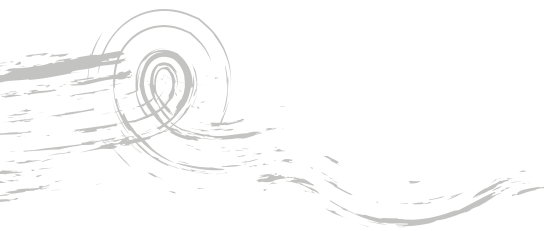
insígnias fisionômicas e posturais que ressaltassem esse caráter expressivo. A dificuldade de os artistas traduzirem em palavras o que pensavam e anteviam no início do seu trabalho encontrava na obra pronta uma possibilidade de expressão. O que havia esbarado nos recursos da fala, contava agora com um vocabulário de ranhuras, saliências, formas e texturas, uma espécie de referendo para aquilo que havia sido apenas suscitado nas explicações iniciais que nos foram concedidas.

Em relação à concepção do discurso audiovisual, o ensaio “Era um corpo de mulher...” integra na mesma plataforma fotografias, esculturas, peças de barro, vídeos, paisagem sonora, música e poesia (cordel). As esculturas e as peças de barro retratadas no vídeo foram iluminadas com luzes de vela, na intenção de infligir gravidade e ligeiro movimento às imagens. Essas obras constituíram a principal referência para uma narrativa audiovisual que visou adentrar a visão dos artistas sobre a corporeidade das velhas beatas de Juazeiro do Norte – CE. As sequências visuais foram sobrepostas a sonoridades retiradas da paisagem sonora da região e a uma trilha musical original concebida na intenção de evocar a experiência penitencial propiciada pelo canto dos antigos benditos. Para alcançar esse grau de expressividade sonora, as obras musicais foram executadas com rabecas de cabaça, encomendadas e confeccionadas na intenção de evocar o timbre vocal das velhas beatas, quando entoam antigos benditos de penitência.

texto recebido

10.08.2015





ERA UM CORPO DE UMA MULHER...

pesquisa e direção

Ewelter Rocha

edição

Helton Vilar

imagens

David Aguiar, Antônio José (Pajé),

Ewelter Rocha e Helton Vilar

trilha original

Ewelter Rocha

trilha eletroacústica

Germán Gras e Ewelter Rocha

pós-produção de áudio

Jean Nands

desenho de som

Helton Vilar e Ewelter Rocha

autoria e declamação do cordel

Ewelter Rocha